

## **Comunistas na Associação Brasileira de Escritores<sup>1</sup>**

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Professora Dra. Departamento de História/UFC.

Av. da Universidade 2762 - Benfica - CEP 60020-180

e-mail: [anameliademelo@gmail.com](mailto:anameliademelo@gmail.com)

**RESUMO:** Em 1942 foi fundada a Associação Brasileira de Escritores com a proposta de regulamentar questões específicas do ofício de escritor, porém o momento político de sua criação e o caráter das preocupações destes escritores sublinhavam a questão política refletindo, especialmente, sobre o papel do escritor no mundo contemporâneo. Um momento central de atuação da ABDE será o I Congresso Brasileiro de Escritores realizado em São Paulo em 1945. O objetivo deste artigo é o de analisar este encontro abordando-o como *locus* privilegiado para a compreensão da importância do escritor neste contexto de final de guerra. Seu estudo nos possibilita refletir sobre as dimensões políticas e culturais dos manifestos desta geração de intelectuais e a complexa dinâmica política e social do período.

**PALAVRA-CHAVE:** ABDE, Intelectuais, Estado Novo, Comunist

### **Comunist in the Brazilian Association of Writers**

**ABSTRACT:** In 1942 was founded on the Brazilian Association of Writers with the proposed regulatory issues specific to the letter writer, but the political moment of its creation and the nature of the concerns of these writers emphasized reflecting the political issue, especially on the role of the writer in contemporary world. A focal point of action of ABDE is the Brazilian Congress of Writers held in São Paulo in 1945. The aim of this paper is to analyze this meeting addressing him as the privileged locus for understanding the importance of the writer in this context of end of war. Their study enables us to reflect on the political and cultural dimensions of the manifestos of this generation of intellectuals and the complex dynamics of the period.

**KEYWORDS:** ABDE, Intellectuals, Estado Novo, Comunist

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão resumida de trabalho de pesquisa apresentado no X Congresso BRASA em 2010.

## 1. Introdução

“Ninguém pode fugir à sombra que o mundo lhe projeta. Nesse chão sem firmeza e por essa cena mal iluminada atravessa o fantasma do intelectual vagamente hamletizado. – Que vens fazer aqui? Perguntará o público-multidão. Resolver os teus problemas ou os nossos? Exibir o teu desespero, agravar as tuas dúvidas? Ou ajudar-nos a encontrar o que nos falta, exprimir o que sofremos, formular o que queremos? É para nos libertar ou para nos explorar que escreves?”

Anibal Machado

Com estas palavras Anibal Machado, em discurso de boas vindas, daria abertura ao I Congresso Brasileiro de Escritores concebido em São Paulo em janeiro de 1945. As palavras são esclarecedoras sobre a tônica do encontro e sua importância política. A Associação Brasileira de Escritores (ABDE) organizada em 1942 tem seu regimento de fundação datado de 12 de fevereiro de 1943. Dois anos depois realizaria o I Congresso Brasileiro de Escritores. Um dos temas centrais debatidos nesse encontro será o papel do escritor no mundo contemporâneo, especialmente na defesa dos princípios democráticos.

O encontro teria importância política e cultural inquestionável. Diariamente a imprensa acompanhava suas atividades e debates durante a semana de 22 a 27 de Janeiro desse ano. Paralelo ao evento se realizaria uma programação cultural na cidade voltada para os congressistas visitantes assim como para o público em geral, com apresentação do Grupo Teatro Experimental, exposição de artes, visitas e festejos.

## 2. Os Escritores engajados

Em 1945, durante o I Congresso Brasileiro de Escritores, Astrojildo Pereira junto com Dalcídio Jurandir, ambos comunistas, apresentaria uma tese intitulada “Liquidação do Analfabetismo”. A tese começava da seguinte maneira: “As diretrizes para a organização do mundo após a derrota completa do fascismo, formuladas pelos líderes das Nações Unidas, podem ser condensadas nesta síntese: democracia política por princípio, democracia econômica por base, e democracia cultural por fim. Ou simplesmente democracia em sua ampla e crescente significação.”<sup>1</sup> A cada um destes

três significados, ele indica uma explicação, detendo-se na análise do sentido de democracia cultural.

Para o Brasil, afirma ele, a questão da democratização da cultura passa necessariamente pela superação do analfabetismo. Não podemos pensar em instrução gratuita senão tivermos ultrapassado este primeiro patamar de nosso atraso, segundo suas palavras. Trata-se ainda de romper com uma tradição bacharelística de uma elite “cheia de vícios e debilidades da nossa condição de semi-coloniais”.<sup>2</sup>

O Congresso é encerrado com a leitura em plenário de sete moções que conformariam a Declaração de Princípios composta de três pontos: 1) A legalidade democrática como garantia da completa liberdade; 2) Sistema de governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto; 3) Pleno exercício da soberania popular em todas as nações. A declaração de princípios lida e aclamada no encerramento, nos proporciona uma chave de leitura na a questão do engajamento dos escritores desta geração e a relação destes com o Partido Comunista Brasileiro.

Nos discursos de abertura do Congresso da ABDE tanto Anibal Machado quanto de Milliet reafirmam a condição do escritor, sua capacidade de se afinar e representar, como diria a imprensa, as “angustias do mundo”.<sup>3</sup> Além disso, a entrada do Brasil na guerra nesse mesmo ano criava um grande apelo nacional de mobilização dos ânimos no combate ao fascismo. Esta seria igualmente a postura dos comunistas brasileiros seguindo a orientação internacional. A luta democrática, vencida a guerra, continuava a ser uma bandeira defendida pelos intelectuais brasileiros organizados em torno da ABDE.

### **3. A questão política**

A complexidade da configuração política destes anos se faz presente na ABDE. Grande parte dos estudos que mencionam a associação destaca a preocupação deste grupo de escritores no combate ao Estado Novo. O objetivo é inegável, no entanto há também uma pluralidade de interesses possível de compreender numa análise mais detida deste grupo heterogêneo de intelectuais. Segundo nos adverte Randal Johnson<sup>4</sup>, a própria fundação da ABDE se daria nos escritórios do jornal *A manhã*, de propriedade do Estado e órgão oficial deste. A direção do periódico estaria a cargo de Cassiano Ricardo, um dos porta-vozes do Estado Novo. Este teria sido um dos fundadores da associação. Em carta a Drummond em 1949, Cassiano fala da necessidade e apoio ao movimento

iniciado em “favor da verdadeira finalidade da Associação. Tem que ser ela, de novo, um órgão defensor de nossa classe e não instrumento desta ou daquela facção política”<sup>5</sup>

É importante recordar que será também no bojo dessa mobilização, alguns meses depois de realizado o Congresso, em abril desse ano de 1945, que seria criada a UDN com o mesmo caráter de um conglomerado amplo de luta pela democracia. Segundo Benevides, a UDN se constituía em sua fundação como um partido agregador de amplas tendências. A autora identifica cinco tendências bem claras, entre elas um grupo de liberais onde se incluíam intelectuais e jornalistas vinculados à ABDE. As outras quatro restantes seriam as oligarquias destronadas em 30, os antigos aliados de Getúlio marginalizados depois de 30, os participantes do Estado Novo mas que se afastaram antes de 45, e ainda as esquerdas. Aqui se identifica intelectuais e políticos de tendências socialistas e que dois meses depois formariam a Esquerda Democrática com um manifesto de apóio ao Brigadeiro Gomes e também alguns comunistas dissidentes (RS).<sup>6</sup> Chamamos atenção aqui para a complexidade da configuração política deste momento. O exemplo da UDN é claro. Um partido que alguns meses depois já assumiria seu perfil liberal, teria no seu registro de fundação assinaturas de comunistas como Astrojildo Pereira. O exemplo é extensivo também ao elenco heterogêneo da ABDE.

Qual a importância da ABDE neste momento?. Note-se que durante o Congresso, Florestan Fernandez escreveria alguns artigos na *Folha da Manhã* de São Paulo<sup>7</sup>, numa coluna especial chamada “À Margem do I Congresso de Escritores”. Nela ele apontava a valor histórico do evento.

O processo de fundação da ABDE segue em paralelo à intensificação das mobilização de vários grupos sociais organizando-se e criando associações, bem como elaborando manifestos contra o Estado Novo. Em 1943 se realizará o VI Congresso da UNE e a Semana Anti-facista.<sup>8</sup> A criação da ABDE deve ser pensada nesse contexto. Por outro lado, a profissionalização do trabalho intelectual neste momento tem no Estado um dos principais lugares de atuação. A criação da ABDE e o Congresso de 1945 e suas palavras de ordem contra o Estado Novo devem ser pensados a partir desta complexa relação. Por outro lado era evidente a consciência destes intelectuais de suas contradições.

#### 4. O Congresso

A realização do Congresso é organizada desde 1944 através de uma série de reuniões que pretendem construir uma linha coerente de ação.<sup>9</sup> Tratava-se de uma organização de fôlego. No Rio de Janeiro, as reuniões faziam-se na redação da *Revista do Brasil* e freqüentemente na casa de Aníbal Machado.

Na organização do Congresso pretendia-se reunir cerca de 200 escritores de todos os Estados.<sup>10</sup> Nas semanas anteriores ao Congresso o *Correio da Manhã* de São Paulo, de propriedade de Paulo Bittencourt já daria cobertura ao evento. Este jornal é apontado pela historiografia como o primeiro a romper o cerco da censura ao publicar em fevereiro de 1945 a entrevista com José Américo de Almeida criticando o Estado Novo.<sup>11</sup> Esta posição já se fazia sentir abertamente durante a preparação do Congresso da ABDE e sua realização. Enquanto que as notícias sobre sua organização eram poucas, especialmente na imprensa carioca, o *Correio da Manhã* já no início do mês de janeiro publicava diversas matérias de literatura onde comentava obras de escritores envolvidos na preparação do Congresso. Em 14 de janeiro, na sessão Vida Literária anotava o lançamento do livro *Vila Feliz* de Aníbal Machado, aproveitando para indicar a realização próxima do Congresso. O jornal nas vésperas do encontro informa em nota que estavam indo de trem do Rio para São Paulo adidos culturais das embaixadas estrangeiras, especialmente convidados, bem como representantes da imprensa estrangeira e carioca.<sup>12</sup>

No Rio de Janeiro, *O Jornal* de propriedade de Assis Chateaubriand será o que dará maior cobertura noticiosa ao evento. Em 5 de janeiro publicava nota onde indicava que as teses para o I Congresso eram apresentadas antecipadamente. Quando as comissões se reuniram no Congresso algumas teses eram de conhecimento público. Em *O Jornal* falava-se da tese de Helio Pelegriño, *O Escritor e a Luta Contra o Fascismo*, assim como a questão dos direitos autorais. Este periódico apontava para uma expectativa de que o evento teria grande significado.

O Congresso reuniria delegados de diversos estados brasileiros. No total foram organizadas delegações de 21 estados, além das delegações estrangeiras da França, Suíça, Inglaterra, Rússia, Áustria, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Grécia, Estados Unidos, Canadá, República Dominicana, Paraguai, Panamá e México. Em alguns casos os escritores estrangeiros eram exilados como Ernesto Feder da Alemanha e Lucio Pinheiro dos Santos de Portugal.<sup>13</sup>

O Congresso teria por fim “apreciar, discutir e deliberar sobre toda a matéria que diga respeito aos interesses da cultura e ao exercício da atividade do escritor, sem exclusão de qualquer especialidade, desde que a referida matéria lhe seja apresentada sob a forma de teses, indicações, projetos e ante-projetos”<sup>14</sup>

O ato inaugural aconteceria no Teatro Municipal com uma mesa composta por Aníbal Machado, Cristiano Cordeiro, Murilo Rubião, Otto Lara Rezende, Roque Javier Laurenza, Dionélio Machado, Francisco de Assis Barbosa, Carlos da Silveira, Haddock Lobo, Jorge Amado, Mario Neme, Ernesto Feder e Sergio Milliet presidente da seção de São Paulo quem iniciaria fazendo um discurso de boas vindas. Já na abertura Sérgio Milliet afirma as sérias dificuldades da realização do encontro, não apenas pelas comuns questões financeiras, mas pelo desinteresse da categoria. O tom do discurso é de apelo às responsabilidades do escritor frente ao mundo.

Sérgio Milliet declara ao dar as Boas vindas, o propósito central do encontro. Diz:

“Ei-vos aqui em vossa terra, meus amigos, num momento grave de nossa vida, a fim de debatermos juntos questões de importância para a nossa classe. Questões éticas em primeiro lugar ... éticas ainda em segundo, terceiro e último lugares. Porquê, afinal, tudo não passa de ética. Não há vida coletiva sem código de moral. A estes se prendem as atividades do grupo nas suas relações internas e externas.”<sup>15</sup>

O discurso acentua o caráter de união. Não obstante não deixa de mencionar as dificuldades, as divisões internas, e o que ele considerou como ceticismo cômodo de alguns. Qual o sentido destas afirmações? Milliet chama a atenção em seu discurso para a postura dúbia de alguns escritores. Segundo Florestan Fernandes, nos dias anteriores ao evento corria rumores que seria este um encontro subversivo.<sup>16</sup> Drummond corrobora a hipótese informando que havia o risco de a polícia proibir o evento.<sup>17</sup> O clima de censura era, ao que tudo indica, dominante. Em 6 de Janeiro, *O Jornal* informaria que Aníbal Machado, tratando de dirimir dúvidas e “denunciando manobras insidiosas” daria declaração aos *Diários Associados* na qual insistia nos “elevados propósitos do Congresso”

Acresce-se a este clima de tensão e censura a relação, ainda que passada, de muitos destes intelectuais com o Estado Novo. De fato, a Declaração final do Congresso

seria divulgada inicialmente através de volantes e só sairia na imprensa, passados dois meses, em 4 de março.<sup>18</sup> Milliet considera atingido o objetivo do Congresso se lograda, segundo suas palavras, uma ética, um código moral que oriente a sociedade.

No mesmo sentido é pronunciado o discurso de Aníbal Machado, presidente do diretório nacional da ABDE, enfatizando o papel do escritor na vida nacional. Aníbal atribui ao escritor a missão de esclarecer o público. Sua fala afirma que a iniciativa não foi uma “inspiração ocasional”, mas uma “exigência que o momento histórico impôs aos intelectuais brasileiros”. Ele professa uma “comunhão necessária de pensamento, de consciência e de ação”. Os escritores são “guias num mundo obscuro e atormentado”

Interroga-se ainda porque, num congresso de escritores, realizar considerações que parecem marginais à vida do espírito? A consciência sobre a realidade como qualidade primordial do intelectual era a proposição afirmada inúmeras vezes e a garantia da legitimidade de sua atuação. Ao identificar no intelectual o porta-voz de uma consciência crítica nacional, Aníbal Machado realiza uma condenação aberta ao papel da literatura no passado como algo voltado desinteressadamente para o “deleite”, a “recreação”. O escritor era o porta-voz da boa sociedade, escrevia para ela, para reafirmá-la ou reafirmar-se dentro dela e não para criticá-la. A literatura não se interessava pelo povo.

De acordo com Guilherme Mota existia uma profusão de termos apocalípticos.<sup>19</sup> O mesmo autor aponta como fato novo a referência ao povo. A partir daí criava-se um “divisor de águas, no qual a perspectiva política passava a fazer parte dos diagnósticos sobre a vida cultural”<sup>20</sup>. E está claro nas palavras de Aníbal Machado a necessidade de estabelecer essa fronteira entre o passado e o presente. Apresentando este último como um momento novo, no qual o escritor, como nunca, ocuparia o lugar de crítico da sociedade.

A importância das discussões não impediu que surgisse falta de acordo com relação aos temas levantados em plenária, à afinidade destes com o que deveria ser central num Congresso de escritores, um debate estreitamente vinculado à compreensão que se tinha do papel do escritor. Na lista das teses aprovadas e recomendadas estavam desde os assuntos candentes e bastante gerais sobre a democratização da cultura brasileira, à importância do teatro, rádio, cinema, bibliotecas, etc, chegando às questões sociais fundamentais no período como superação do analfabetismo e Reforma Agrária.

#### 4. Entre democratas e comunistas?

Conforme a declaração de Jorge Amado, realizada anos depois em seu livro de memórias, em 1945 seria presidente da delegação baiana da ABDE e um dos Vice-presidentes do Congresso, e como tal ele fora chamado pelo PCB para desempenhar a “tarefa” de ajudar na organização do conclave. Segundo o escritor baiano duas correntes se debatiam no plenário: os democratas e os comunistas. O grupo dos democratas era composto por liberais, democratas cristãos e sociais democratas além de comunistas não-alinhados como Caio Prado Jr., Mario Shemberg e obedeciam “à batuta” de Carlos Lacerda que havia rompido com o PCB em 1942.<sup>21</sup> É possível interrogar-se se havia tamanha clareza política entre os participantes no momento. Esta análise *a posteriori* provavelmente não estava tão bem definida entre os congressistas, porém o embate já se definia nesse sentido.

A importância da ABDE como espaço político tornava visível nuances de um campo de complexas relações e que reproduzia as tensões políticas de diversos matizes. Não apenas colocava em discussão a função social do artista, sua maior ou menor atuação, como que também trazia a luz as dissensões ideológicas. O caso de Caio Prado e Mario Shemberg citado por Jorge Amado representaria uma divisão no interior do PCB entre o grupo organizado em torno do Comitê de Ação que se opõe a decisão da Conferência da Mantiqueira pelo apoio a Vargas. Este grupo mais tarde formaria a Esquerda Democrática.<sup>22</sup> Da mesma forma identificamos Aníbal Machado e Genolino Amado como antigos integrantes da Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente criada pelos comunistas nos anos 1930. Outro atuante intelectual comunista que teria uma importante participação no Congresso da ABDE seria Astrojildo Pereira que havia sido afastado da cúpula do PCB. Durante o Congresso além de apresentar a tese mencionada seria um dos mais atuantes organizadores do encontro. Na abertura dos trabalhos da Primeira Sessão Plenária, num ato de valor simbólico, Astrojildo Pereira, Antônio Candido, Alberto Passos Guimarães, Guilherme Figueiredo e Osório Borba presidem sessão que, sob grande aplauso, apresenta os Congressistas e conferem suas credências.

Além do trabalho da organização, nos anais são registradas algumas intervenções junto com Pedro Mota Lima, também comunista e que acabara de voltar ao país indultado, depois do exílio na Argentina em virtude de sua condenação pela participação na chamada Intentona de 1935, assim como seria o relator da tese do também Comunista Osório Borba, “O apoliticismo dos intelectuais” que é lida e aprovada por aclamação.

Finalmente no encerramento do Congresso Astrojildo propõe que todos ouçam de pé a leitura da Declaração de Princípios.

O manifesto emitido pela ABDE resultou de um consenso final alcançado em torno da natureza política do evento. A Declaração de Princípios é evocada nos congressos seguintes, contudo, o clima de consenso não se mantém. Para alguns a Associação deveria preservar o caráter de entidade em defesa dos interesses do ofício do escritor. Nessa perspectiva é criada a UTI (União dos Trabalhadores Intelectuais) evidenciando o objetivo de aliviar a ABDE das demandas políticas. Astrojildo Pereira seria seu presidente provisório. Segundo Drummond, a idéia vinha sendo pensada, porém só toma forma a partir de março quando se realizam algumas reuniões com a presença de Otávio Tarquínio de Souza, Drummond e Astrojildo Pereira. Esta entidade teria uma fisionomia abertamente partidária, emitindo um documento de apoio à campanha do candidato Brigadeiro Eduardo Gomes.<sup>23</sup>

Em 1947 com o PCB novamente na ilegalidade, seus membros buscariam outras formas de inserção política no país. A ABDE seria um dos órgãos preferidos, uma vez que dela participavam diversos escritores que pertenciam ao partido, além de ser ela uma organização caracterizada por uma atuação importante na política nacional. Em outubro de 1947 seria realizado em Belo Horizonte o II Congresso dos escritores e este era o momento de dar maior ênfase à participação dos comunistas na associação. A questão fundamental, apresentada no congresso pelos escritores comunistas, entre eles Jorge Amado, seria a da aprovação de uma moção contra o fechamento do PCB e contra a caça os seus parlamentares. Ao querer priorizar essa moção, alguns dos membros da Associação opuseram-se. A contenda que se estabeleceria revelava, na verdade, um outro conflito que se desenvolvia dentro do partido. A ilegalidade transformara a linha política do partido, nacional e internacionalmente. A Doutrina Truman, exposta em março de 1947 dava início à Guerra Fria e obviamente dividia os intelectuais. A idéia de um partido amplo e reformista era abandonada, e considerada ilusionista, em nome de uma concepção revolucionária. Da mesma forma que se alterava o tipo de organização partidária, constituindo-se uma máquina com forte presença de funcionários-militantes.<sup>24</sup> A estes conflitos somavam-se ainda o desagrado dos não comunistas frente à transformação da ABDE em órgão de representação do PCB. Entre muitos escritores estava Graciliano que, apesar de discordar do estreito sectarismo que em muitos casos se impunha, sobretudo nas questões literárias, apoiaria os comunistas.<sup>25</sup>

Em 1949, as eleições que antecederiam o Congresso desse ano causariam uma séria crise, com o desligamento de diversos membros importantes. Este racha resultaria mais tarde na ruptura da ABDE de São Paulo enfraquecendo a entidade. Depois dos acidentes de 1949 na imprensa comunista saíam artigos no qual acusavam duramente aqueles que haviam abandonado à ABDE. Segundo as informações do Boletim da ABDE de agosto desse ano, existiam antes das eleições 1.119 sócios. Saíram após a eleição 425, restando 694.<sup>26</sup>

Em nota *A Tribuna da Imprensa*, jornal carioca de Carlos Lacerda, depois da crise das eleições de 1949 para a direção da instituição, apareceria em 1950 uma afirmação incisiva que dizia: “ A ABDE - Associação Brasileira de Escritores, nome pomposo dado ao que resta de uma entidade de classe, hoje um aglomerado de arrivistas e aventureiros, entre os quais, dificilmente se pescaria um escritor de verdade”.<sup>27</sup>

- 
- <sup>1</sup> Anais do I Congresso Brasileiro de Escritores. São Paulo, Imprensa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1945.
- <sup>2</sup> *Ibidem*, p. 281.
- <sup>3</sup> Correio Paulistano, 23 de janeiro de 1945.
- <sup>4</sup> Randal Johnson. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. Revista da USP, São Paulo, junho/agosto, 1995.
- <sup>5</sup> Carta de Cassiano a Drummond, 23 de março de 1949. FCRB.
- <sup>6</sup> Benevides, Maria Vitória de Mesquita. A UDN e o Udenismo. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 28.
- <sup>7</sup> A *Folha da Manhã* no fim do governo Vargas assume uma postura contra o Estado Novo, falando em defesa dos princípios democráticos. Entrando desde que fora comprado por Otaviano Alves de Lima, de família tradicional, em 1931, sua linha editorial buscava não confrontar diretamente com Vargas e assumiria interesses dos setores da agricultura paulista. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. CPDOC.
- <sup>8</sup> Benevides, Maria Vitória de Mesquita. *Op. Cit.* p. 33.
- <sup>9</sup> Andrade, C. D. *O observador no escritório: páginas de diário*. Rio de Janeiro, Record, 1985. Sodré, N. W. *Memórias de um escritor*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1970.
- <sup>10</sup> Nelson Werneck Sodré. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, p. 330.
- <sup>11</sup> Dicionário Histórico-biográfico Brasileiro, CPDOC. <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>
- <sup>12</sup> Correio da Manhã, sábado 20 de janeiro de 1945.
- <sup>13</sup> Anais do I Congresso Brasileiro de Escritores. São Paulo, Imprensa Gráfica, 1945. Sobre a participação de Ernesto Feder ver: Fábio Koifman. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. São Paulo, Record, 2002, p. 451.
- <sup>14</sup> Anais, p. 11.
- <sup>15</sup> Anais, p. 24.
- <sup>16</sup> Folha da Manhã, 24 de Janeiro de 1945. P. 5
- <sup>17</sup> Andrade, C. D., *Op. Cit.* P. 17.
- <sup>18</sup> Benevides, Maria Vitória de Mesquita. *Op. Cit.* P. 38.
- <sup>19</sup> Carlos Guilherme Mota. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo, Ática, 1994.
- <sup>20</sup> *Ibid.*, p. 138.
- <sup>21</sup> Jorge Amado. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro, Record, 1993.
- <sup>22</sup> Leôncio Martins Rodrigues, “O PCB: os dirigentes e a organização.” In: História Geral da Civilização Brasileira, Sociedade e Política, Nº 10, vol. 3, São Paulo, Difel, 1981, p. 404.

---

<sup>23</sup> União dos Trabalhadores Intelectuais. Programa, Declarações e Princípios. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1945. Biblioteca Nacional.

<sup>24</sup> Dulce Pandolfi. *Camaradas e Companheiros. História e Memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, pag. 172.

<sup>25</sup> Denis de Moraes, O Velho Graça. Uma biografia de Graciliano Ramosa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996, p. 248.

<sup>26</sup> Boletim da ABDE, agosto de 1949. Arquivo Astrojildo Pereira, Cedem/Unesp.

<sup>27</sup> Arquivos CEDEM/Unesp. Arquivo Astrojildo Pereira. Recorte do Jornal Tribuna da Imprensa, 18/03/1950.